

VIDAS SECAS: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA COLETIVA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Benedito Olinto da Silva
Orientadora: Francisca Pereira Salvino

Universidade Estadual da Paraíba
benedito_olinto@hotmail.com
fransalvino@gmail.com

Vidas Secas: Uma experiência de leitura coletiva da Educação de Jovens e Adultos consiste em um relato de experiência desenvolvida no 3º Ano do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Bronzeado Sobrinho em Remígio-PB. As aulas da disciplina Língua Portuguesa têm sido, tradicionalmente, fragmentadas em três partes tratadas como distintas: gramática, produção textual e literatura. Desses três fragmentos da disciplina, há uma tendência em priorizar a gramática e a produção textual, deixando a literatura para um segundo plano ou, até mesmo, deixando-a de abordá-la. Por considerar a literatura como parte indispensável do ensino de língua portuguesa, parte indissociável, pelo seu papel de proporcionar reflexões e compartilhamento de experiências, nos tornando, assim, mais humanos é que resolvemos desenvolver esse trabalho. O principal objetivo das atividades foi proporcionar uma leitura integral de um romance de nossa literatura, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, e para análise recorreu-se a autores como Bosi (1981), Candido (2004), Fiorin (2009), Pinheiro (2006), Zappone e Wielewicki (2009) e Zilberman (1991). Conclui-se que a leitura do texto literário em sala de aula tem sido um evento pouco estimulado e, quando acontece, tem sido enfadonho, assim, a experiência resultou bastante positiva para o letramento literário na EJA, pois além de conquistar alunos que não tinham nenhum interesse pela literatura, contribuiu para que percebessem que a literatura, apesar de ser ficção, traz muitas experiências de vidas que dialogam com a vida de cada leitor, seja para reafirmar verdades construídas, ou para negá-las.

Palavras-chave: Vidas Secas, Educação de Jovens e Adultos, letramento literário.

INTRODUÇÃO

Sempre se questionou sobre o ensino de literatura nas escolas. O que é literatura? Para que serve? Por que ensiná-la? São questões que não são fáceis de serem respondidas, mas extremamente necessárias para que se possa dar ou negar o direito ao texto literário. O ensino de literatura na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um desafio e, por isto, deve ser objeto de estudos, pesquisas e experiências inovadoras, atrativas e produtivas. Primeiro porque sua ausência na sala de aula representa a violação de um direito, conforme assevera Antonio Cândido (1995), em sua obra *O direito à literatura*. Segundo, porque a literatura dá ao aluno a oportunidade de ter contato com a leitura, não a leitura como um processo de decodificação, mas de raciocínio, de reflexão acerca da vida, dando-lhe a oportunidade de humanizar-se ao ter contato com experiências de outras pessoas e de perceber como elas percebem a vida.

Geralmente os alunos da EJA são pessoas que trabalham durante o dia inteiro e não têm muito tempo para se dedicarem aos estudos fora da sala de aula. Frequentemente eles abandonam a escola por diversos motivos, dentre os quais trabalhar e quando voltam a estudar, já têm um bom tempo sem contato com a sala de aula e com a prática sistemática da leitura. Portanto, esses fatos precisam ser levados em conta ao propor qualquer atividade em sala de aula.

Os professores da modalidade EJA não têm uma formação específica para lidar com as questões relacionadas a esse público e quando há um interesse em qualificar as aulas é que alguns professores vão experimentando metodologias, procurando valorizar a força de vontade dos estudantes em voltar a estudar. Nem sempre há esse interesse e há inúmeros discursos para justificar o desinteresse, dentre eles falta de tempo, pois alegam trabalhar em diversas escolas por causa da baixa remuneração da profissão.

Pensando nessas especificidades dos alunos da EJA desenvolvemos atividades para leitura coletiva da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (2002), com alunos do 3º Ano da modalidade EJA, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Bronzeado Sobrinho em Remígio-PB. O objetivo das atividades foi proporcionar uma leitura integral de um romance de nossa literatura. Para análise recorremos a autores como Bosi (1981), Cândido (2004), Fiorin (2009), Pinheiro (2006), Zappone e Wielewicki (2009) e Zilberman (1991).

A referida obra foi escolhida porque suscita reflexões acerca de importantes problemas sociais, como a negação de direitos: acesso a água, terra, alimentação, educação, trabalho, infância saudável e outros. Além disso, possibilita a formação de leitores literários na EJA, corroborando o desenvolvimento do senso crítico e o gosto pela leitura.

As aulas da disciplina Língua Portuguesa têm sido, tradicionalmente, fragmentadas em três partes tratadas como distintas: gramática, produção textual e literatura. Desses três fragmentos da disciplina, há uma tendência em priorizar a gramática e a produção textual, deixando a literatura para um segundo plano ou, até mesmo, deixando-a de abordá-la.



Os sentidos acerca do termo Literatura foram sendo construídos ao longo do tempo. Inicialmente, segundo Zappone e Wielewicki (2009), o termo era considerado mais um atributo de um indivíduo que era capaz de ler e que havia realizado leituras. Literatura relacionava-se, portanto, à capacidade de ler e de possuir conhecimento, erudição e ciência. Tratava-se de um termo que abarcava tanto o conhecimento dos indivíduos sobre vários ramos do saber quanto o amplo conjunto de textos que propiciavam esse conhecimento. Foi no século XVIII que se registraram as primeiras mudanças do uso do termo literatura como “conhecimento”, “saber”, “erudição” para um uso diferente, agora relacionado à ideia de “gosto” ou “sensibilidade”, permanecendo ainda traços do significado anterior. Nesse período, a literatura passa a considerar a expressão da criatividade humana, não bastando apenas que os textos fossem produzidos segundo o gosto vigente. Com esse novo olhar sobre a literatura, percebe-se que ela passa de textos de “gosto” e “sensibilidade” a textos de caráter “imaginativo” e “criativo”. Mas nem todo texto imaginativo poderia ser considerado literário, nem tudo que era belo seria imaginativo. Essa imprecisão do termo gera dificuldades para a definição da literatura, pois o texto é um objeto de estudo cuja configuração é móvel em razão de seu caráter histórico e social. Para resolver esse problema formula-se, então, a partir do final do século XIX e início do século XX, um conjunto de características que corresponderiam a literariedade dos textos. Zappone e Wielewicki, apresentam algumas marcas textuais consideradas como características da literariedade:

1) a oposição da linguagem literária à linguagem comum, sendo a literatura uma forma textual que coloca em primeiro plano a própria linguagem, ou seja, há ênfase na função poética dessa linguagem; 2) a integração da linguagem como organização especial de palavras e estruturas que estabelecem relações específicas entre si, potencializando o sentido dos textos; 3) a distinção entre o caráter referencial dos textos não-literários e o caráter ficcional dos textos literários, ou seja, a literatura abarcaria textos que criam uma relação especial com o mundo: uma relação ficcional onde o mundo, os eventos e os seres evocados não precisam necessariamente, ser reais ou imaginados; 4) os textos literários teriam um fim em si mesmos, pois ao colocar a própria linguagem em primeiro plano, estariam operando o seu caráter estético, que ocasionaria, por sua vez, o prazer nos receptores desse texto. (2009, p. 23)

Embora consideremos interessante esse levantamento de possíveis características de um texto para que seja considerado como literário, não comungamos completamente com essa ideia. A literatura não tem um tipo específico e particular de linguagem, embora possamos perceber uma incidência maior de determinados elementos linguísticos. Um texto com uma linguagem puramente comum pode se apresentar como um texto de alto valor poético. Citamos como exemplo o poema *Cidadezinha qualquer* de Carlos Drummond de Andrade (2010, p.71) publicado em sua obra *Alguma Poesia*. Muito mais importante que as figuras de linguagem, as rimas, a métrica e a sonoridade que possam ser identificadas no poema, está o contato com esse olhar acerca do mundo, as reflexões que esse olhar pode proporcionar, os sentimentos que podem despertar no leitor. E



nenhuma das tentativas de definição de literatura levantada até aqui considera um elemento também fundamental para o texto literário, o leitor.

A literatura, em sentido restrito, seria a arte construída com palavras que possibilita acesso a conhecimentos de maneira muito singular em cada leitor. Trata-se da arte que humaniza o homem coisificado pelos contra valores da sociedade do consumo e da rapidez. Para Candido (1995), a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

A literatura contribui significativamente para que a realidade seja nomeada ideologicamente, inventada e questionada. Há quem ainda diga que a literatura não serve para nada, a não ser para que os estudantes possam se dar bem numa prova de um vestibular. Os textos literários, no mínimo, contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes. Esses textos também são importantes para a construção dos conhecimentos de mundo dos estudantes para ajudá-los a desenvolver o hábito de leituras críticas. Os indivíduos podem crescer intelectualmente com a literatura, desde que o professor tenha claro sua contribuição e que não a transforme em momento apenas de interpretação e resolução de exercícios de análise sintática ou quaisquer outros que não dê ao texto o seu verdadeiro valor. O ensino de literatura para a maioria dos alunos do ensino médio se tornou, segundo Pinheiro,

não um encontro pessoal com uma determinada obra, mas um tormento, uma vez que têm que decorar uma lista relativamente longa de autores e obras, características de estilos de época, afora as fichas de leitura (que agora mudaram de nome) para serem respondidas. (2006, p. 114)

Quando o assunto é EJA, a literatura é conteúdo escasso e isso precisa ser revisto. Nesse sentido, as diretrizes curriculares que orientam a EJA foram estabelecidas pela Resolução nº 01 do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Básica, de 05 de junho de 2000 (BRASIL, 2000). A EJA precisa reconhecer seus sujeitos, a concretude de suas vidas e as formas como interagem com o conhecimento. Precisa criar as condições de superação do lugar em que se encontram, contribuir para que os estudantes da EJA adquiram conhecimentos e procedimentos que contribuam para a superação das formas de saber cotidiano. Considerando as diretrizes que regulamentam a EJA, torna-se mais clara a necessidade da literatura na sala de aula, pois ela contribui para que os alunos possam experimentá-la e relacioná-la com suas vivências diárias. A literatura, além de entretenimento, é uma possibilidade de vivenciar experiências a partir do olhar de outros. A literatura contribui para que essa superação das formas de saber cotidiano se efetive.

Ainda há uma resistência por parte dos alunos de EJA para a aceitação da literatura talvez pelo fato da maioria trabalhar o dia inteiro e estar voltando a estudar depois de um longo período sem contato com a sala de aula e a literatura exigir um pouco mais de tempo e de dedicação. Existem relatos, inclusive, de que alunos preferem se matricular em turmas em que têm certeza de que o professor de Língua Portuguesa não



trabalha com textos literários. Para mudar isto tanto o professor quanto os alunos precisam estar conscientes dos papéis que a literatura desempenha.

METODOLOGIA

Ao propor no plano de curso a leitura de uma obra literária, os alunos se espantaram e isso nos deixou espantados também, afinal qual o problema em ler uma obra literária no Ensino Médio? Ao indagá-los se já haviam lido algum livro, apenas um aluno havia lido um livro durante todo o seu percurso estudantil. Mas a maioria já havia lido algum poema ou um conto. Propomos, então, uma leitura coletiva da obra *Vidas Secas*, com o seguinte percurso metodológico: sensibilização da turma em relação ao romance, assistindo ao filme de título homônimo à obra; fizemos algumas reflexões acerca das questões apresentadas pelo filme; como a obra é organizada em treze capítulos, a turma se organizou em treze grupos para a leitura coletiva, cujos capítulos foram sorteados. As leituras foram realizadas pelos grupos e socializadas para a turma, assim todos teriam uma visão de todos os capítulos. À medida em que os grupos iam socializando as leituras, reflexões acerca do cotidiano foram sendo tecidas.

Propomos aos alunos que elaborassem um parágrafo para cada capítulo e o ilustrasse. A ideia de ilustrar teve muita recusa, decidimos, então, elaborar uma descrição imagética das cenas para um artista plástico da cidade, Roberto Reis, ilustrar. As imagens junto com a leitura dos grupos compuseram um material sobre a obra, que foi encadernado e catalogado na biblioteca da escola. O trabalho foi apresentado pela turma na mostra pedagógica da escola que foi realizada em setembro de 2013 e compôs o projeto coletivo da escola para o Prêmio Escola de Valor¹ proposto pela Secretaria de Educação do Estado.

Antes do contato com os textos exibimos a versão cinematográfica da obra que foi lançado em 22 de agosto de 1963, no Rio de Janeiro, com roteiro e direção de Nelson Pereira dos Santos. Após a exibição e a discussão do filme, os alunos tiveram uma semana para fazerem a leitura dos capítulos do livro, que aconteceram durante a aula de língua portuguesa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para registrar as leituras, os alunos produziram resumos dos capítulos após as discussões. Apresentaremos alguns a seguir, eles passaram por correções durante as aulas e foram realizadas atividades de reescrita. Apresentaremos aqui apenas o resumo dos dois primeiros capítulos.

¹Escola de Valor é uma iniciativa do Governo do Estado da Paraíba, por intermédio da Secretaria de Estado da Educação, que consiste no fomento, seleção, valorização e premiação de experiências administrativas e práticas pedagógicas exitosas, resultantes de ações integradas e executadas por profissionais de educação em exercício e lotados nas escolas públicas estaduais de educação básica, e que, comprovadamente, estejam tendo sucesso no enfrentamento dos desafios no processo de ensino e aprendizagem.

Capítulo: Mudança

A obra tem início narrando a saga da família que, diante da seca e sem ter como sobreviver onde está, segue a procura de um lugar que haja possibilidade de vida. Cansado, o menino mais velho não aguenta mais caminhar e o pai ameaça abandoná-lo, mas ao lembrar das cenas dos urubus comendo os animais que morreram por causa da seca, se arrepende e carrega o menino. Mais adiante, a fome os obriga a comer o papagaio. Ao sentar-se na sombra de um juazeiro, Fabiano não se sente um homem diante do que tem sido sua vida. Classifica-se como um cabra ocupado em guardar coisas dos outros, pois vivia em terra dos outros até que fosse despedido do serviço, da casa, dos bichos.

Capítulo: Fabiano

Ao encontrar uma casa abandonada se oferece ao dono para cuidar da terra e dos animais, conseguindo um trabalho. Fabiano vai à feira da cidade comprar mantimentos: sal, farinha, feijão e rapadura. Ao achar tudo caro, senta-se na calçada e um soldado o convida para um jogo de baralho, levantou-se e seguiu-o, afinal era uma autoridade e mandava. No meio do jogo e do consumo de cachaça, Fabiano retira-se sem se despedir do soldado e este se sente provocado. Lá fora, provocado pelo soldado, Fabiano xinga sua mãe. É preso e apanha de lâmina de facão na cadeia.

Após a socialização das leituras dos capítulos, fizemos um debate entre os grupos sobre o que é a seca e se ela ainda hoje perturba tanto as pessoas que vivem no semiárido. Os alunos expressaram o conhecimento de que a seca é um fenômeno natural da região semiárida, e que essa região tem chuvas, mas o maior problema é a irregularidade destas. Alguns alunos que moram na zona rural apontaram algumas soluções que já existem hoje. As cisternas de placas construídas pelo Programa P1MC², que é para garantir água para beber e cozinhar; as cisternas-calçadão construídas pelo Programa P1+2³, que têm como objetivo armazenar 56 mil litros de água para produzir alimento e criar animais. Além de apontarem essas ações, os alunos comentaram que a consciência acerca de como cuidar dessa água é muito importante também, além dos cuidados com o meio ambiente para que os olhos d'água não desapareçam. Alunos comentaram que a derrubada das árvores nas propriedades contribuíram para que os barreiros e olhos d'água desaparecessem ou durassem menos tempo com água.

Depois das discussões acerca das impressões sobre o romance, foi lançado o desafio para que os grupos pensassem numa imagem que representaria o capítulo

²P1MC é um programa articulado pela sociedade civil a partir da ONG Articulação do Semiárido com financiamento do governo federal. O Programa se propõe a construir um milhão de cisternas na região semiárida do Brasil. As cisternas têm capacidade armazenar 16 mil litros de água para o consumo da família.

³P1+2 é um programa articulado pela sociedade civil a partir da ONG Articulação do Semiárido com financiamento do governo federal. A sigla significa Programa uma terra e duas águas. A proposta é que a família tenha acesso a terra e a água de beber e de produção de alimentos. As cisternas construídas por esse programa tem capacidade de armazenar 56 mil litros de água com o auxílio de um calçadão para aumentar a área de captação da água da chuva.



estudado: elaborar um texto descritivo sobre uma imagem importante do capítulo para que um artista plástico criasse uma ilustração a partir do texto descritivo dos/as alunos/as.

A ideia inicial era que os próprios alunos elaborassem as ilustrações, mas houve recusa, daí surgiu a ideia de convidar um artista plástico para elaborá-las a partir do olhar e das descrições dos alunos. Apresentaremos aqui, apenas as imagens dos capítulos Mudança, Inverno e Baleia.

Mudança

Família formada pela mãe, pelo pai, dois filhos, uma cachorra e um papagaio carregando malas e trouxas de roupas. O papagaio é carregado numa gaiola. O homem carrega uma espingarda. Os meninos estão descalços. A vegetação é pouca e seca por onde eles passam. A cachorra é magrinha e está sempre à frente na caminhada em busca de um lugar para viver.

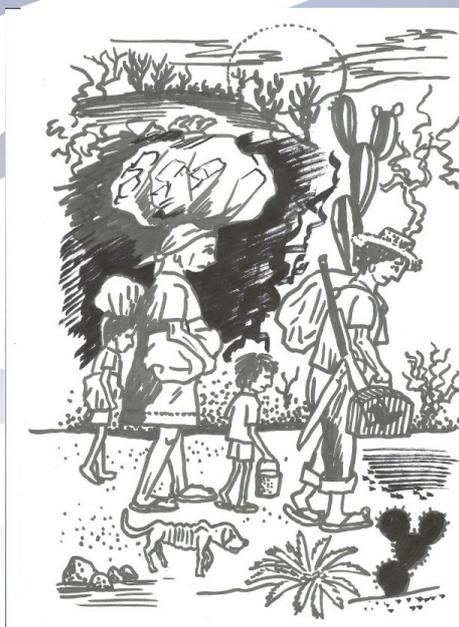


Figura 1: Ilustração do capítulo I de Vidas Secas

Fonte: Catálogo disponível na biblioteca da EEEFM José Bronzeado Sobrinho (LIT 041-2014)

Inverno

Uma casa ao fundo com muitas jarras nas bicas para juntar a água da chuva. Os meninos carregando baldes de água enquanto Sinha Vitória os enche no barreiro. A vegetação ao redor da casa está verde e a imagem dos rostos das personagens é de muita alegria.



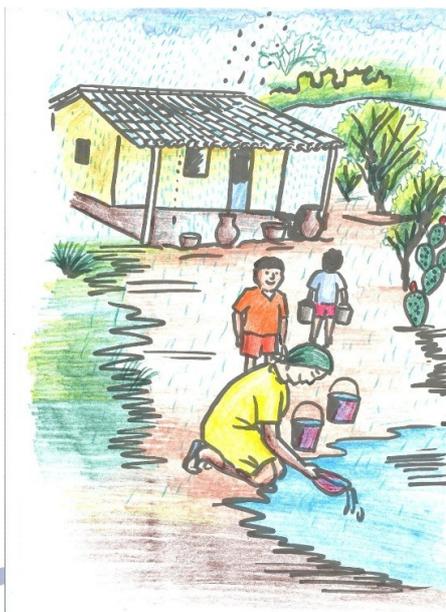


Figura 2: Ilustração do capítulo VII de Vidas Secas

Fonte: Catálogo disponível na biblioteca da EEEFM José Bronzeado Sobrinho (LIT 041-2014)

Baleia

A cadela está deitada embaixo de uma árvore com poucas folhas com a marca de um tiro no pescoço e o sangue escorrendo. Ela está delirando, na imagem de seu delírio há muitos preás gordos cercado-a.

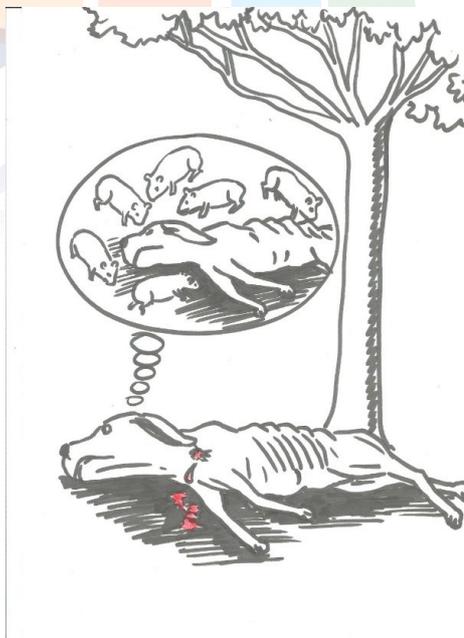


Figura 3: Ilustração do capítulo IX de Vidas Secas

Fonte: Catálogo disponível na biblioteca da EEEFM José Bronzeado Sobrinho (LIT 041-2014)

O material produzido foi encadernado e catalogado na biblioteca da escola. A turma ainda apresentou o material produzido na I Mostra Pedagógica que aconteceu na escola.



Para esse trabalho ser posto em prática houve, inicialmente, recusa de parte dos alunos em participar das atividades alegando não ter tempo para ler, não ter experiência com leitura de romances, não saber ler direito e que iríamos perder tempo, deixando de estudar outras coisas. A proposta foi aceita quando entenderam que seria algo novo e que iríamos ler uns ajudando aos outros.

A exibição do filme baseado no romance foi um importante momento de sensibilização da turma para desejarem ler o livro. Os momentos mais marcantes apontados pelos alunos foram a sensação de cansaço no início do filme, quando a família vem caminhando a procura de um lugar para ficar. Sentiram-se como se estivessem com eles, sentindo calor, cansaço, sede, fome e esperança de chegar logo em algum lugar com sombra e água para beber. Outro momento marcante foi a prisão de Fabiano, quando as cenas de violência contra ele fizeram alguns alunos se emocionarem, afinal, ver um homem trabalhador, que não teve direito a estudar, mal sabia dizer o que queria, ser violentado por um mal entendido choca qualquer pessoa de bons sentimentos.

O momento mais comentado do filme foi o da morte de Baleia, alguns argumentaram que a morte dela foi cruel e desnecessária, já outros comentaram que sacrificar o animal foi diminuir seu sofrimento diante da doença e do futuro que os aguardava que era sair novamente pelo mundo a procura de uma vida melhor, com pouca água e alimento. Ao final do filme, a maioria já estava ansiosa por pegar o texto para ler.

Depois da conversa sobre o filme e de apresentar a biografia de Graciliano Ramos explicamos como seria feita a leitura do Romance. Ao iniciar as leituras, nos deparamos com alguns desafios. Entre eles o de compreensão relacionado à linguagem do texto. Dificuldade natural e já esperada pelo histórico de contato dos alunos com texto literário. Pela dificuldade encontrada pelos alunos, vimos que a presença da linguagem figurada dá certa singularidade ao texto literário e isso contribui para que a reflexão seja ativada e, conseqüentemente, o leitor se vê naquela experiência desenvolvendo, assim, a quota de humanização ao sentir o que o outro pode sentir, proposto pelos questionamentos de Cândia.

Um trecho destacado pelos alunos ao tratar das dificuldades em relação à linguagem de Ramos (2002) foi o seguinte:

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou os quipás, os mandacarus e os xique-xiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.

Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado à noite. (p. 19)





Para leitores assíduos, esse trecho da obra não traria nenhum tipo de dificuldade para entender os valores expostos pelo narrador de *Vidas Secas*. Mas, muitos alunos chamaram a atenção para o sentido que se poderia construir. Alguns riram comentando que não se pode plantar pessoas, que a seca não pode empurrar alguém, que não é possível criar amizade com as coisas, mas com os bichos ainda se entende. Foi necessário compreender o conceito de linguagem figurada, de perceber as possibilidades de uso da linguagem e dos contextos e, por comparação, compreender o que se quis dizer, sem dizer explicitamente.

Ao final da discussão, os alunos perceberam o quanto Fabiano era consciente de sua vida e de como tudo aconteceu durante sua caminhada. Ficava feliz ao encontrar um lugar para se abrigar, para cuidar dos bichos, para plantar, mas lembrava que isso era passageiro, que a terra não lhe pertencia e se comparava com os bichos que viviam errante pela natureza. Ele comparava sua bravura à resistência de algumas árvores comuns na caatinga, que resistem às mudanças do tempo em meio ao clima seco.

Muitos alunos compararam esse trecho, depois das discussões, com suas vidas de quando viviam em acampamentos da reforma agrária e as condições de vida na atualidade, já em posse de suas terras. Viver acampando em terras alheias, além de ser desumano pela incerteza do dia seguinte, ainda era inseguro, deixando-os vulneráveis a vários tipos de violência.

Os livros literários de que tinham lembrança, pelo menos de terem ouvido falar, tratavam de amores proibidos, de briga entre famílias, de aventuras. Esse trata de assunto comum à vida de todos que moram no semiárido. Passaram a entender porque esse assunto em um livro literário.

Ao final da leitura coletiva, os alunos foram questionados sobre como avaliavam a atividade de leitura desenvolvida na sala. Abaixo, seguem alguns comentários feitos pelos alunos:

Achei complicado, pois ler um capítulo é uma coisa e lê o livro todo é outra. A gente fica confiando no que os outros grupos disseram dos outros capítulos. (Thiago).

Foi bom para que algumas pessoas que nunca falam na sala pudessem falar, nem que fosse um pouquinho. Como a gente leu na aula, muitas pessoas puderam realmente ler, se fosse para ler em casa, tenho certeza que eu não teria lido nem uma página porque não tenho tempo mesmo. (Gilvaneide)

Nunca gostei de ler, mas esse livro me deu vontade de saber cada vez mais sobre o que iria acontecer com a família, mesmo já tendo assistido o filme. Por isso que peguei o livro do professor emprestado e arrumei um tempinho para ler o livro todo. Achei muito bom, mesmo com umas palavras difíceis. Parecia que a gente estava lá também, se vendo nas atitudes de Sinha Vitória. Que é um grande exemplo de mulher, ela resolve quase tudo, mas não é valorizada pelo fato de ser mulher. Mesmo estando certa tinha que aceitar que estava errada para agradar o marido e seu patrão. (Silvana).



A partir das falas dos alunos, podemos perceber que a literatura não é uma parte da disciplina Língua Portuguesa que pode ser dispensada. Ela proporciona reflexões e debates muito ricos sobre nosso lugar na sociedade, sobre nossas relações com a natureza, com as outras pessoas e com nós mesmos. Talvez, esse debate que ocorreu na sala de aula em que experiências de vida tiveram lugar de se apresentar e de serem debatidas, não tivesse acontecido com a mesma qualidade se não tivesse sido impulsionada pela experiência literária.

CONCLUSÕES

Os resultados da experiência aqui relatada nos respaldam de que é possível realizar uma experiência significativa de leitura literária em sala de aula de EJA, norteados pela possibilidade de contato efetivo com o texto literário. A realização de leitura partilhada tem um valor imensurável em sala de aula e tem uma grande importância na formação de leitores.

Pudemos comprovar também que aquela visão apontada por alguns professores acerca da incapacidade de alunos de EJA compreenderem o texto literário não passa de uma atitude preconceituosa, demonstrada a partir da riqueza que foi a leitura e as discussões a partir do romance *Vidas Secas*. A prática do ensino de literatura não tem uma fórmula, necessita de metodologias específicas a cada situação, a cada turma e, que seja assegurado aos alunos o direito de participar, de questionar, de ter voz diante do texto e de sua vivência cotidiana. As obras, sejam quais forem, sempre poderão sensibilizar para questionamentos e reflexões acerca de nossas experiências como leitores e como pessoas que precisam se comunicar o tempo todo com o mundo.

Temos consciência da importância desse tipo de atividade em sala de aula, principalmente porque a literatura tem sido negada, tem sido trabalhada apenas numa perspectiva voltada para os vestibulares e que está deixando de existir em algumas universidades ao adotarem o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como processo seletivo. Procurando entender porque que a literatura tem tido um lugar secundário na sala de aula, concluo que é preciso refletir sobre a formação dos professores, sobre os projetos pedagógicos das escolas e sobre as políticas educacionais para a modalidade EJA.

Por fim, não queremos aqui idealizar uma experiência com leitura literária como um modelo a ser seguido. Apenas refletir sobre as possibilidades e os desafios que podem surgir. Por mais que tenhamos as melhores intenções, as melhores formações e as mais diversas metodologias, o êxito nem sempre estará garantido. O mais importante de tudo é perceber que os alunos conseguiram fazer uma boa reflexão acerca da obra e de suas vidas, a partir do que a obra propôs, e que conseguimos sensibilizar o mínimo possível para a prática da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ANDRADE, C. D. *Alguma Poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 39 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 01*, de 05 de junho de 2000. Brasília: CNE/ CEB, 2000.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

_____. *Iniciação à Literatura Brasileira*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FIORIN, J. L. *A construção da identidade nacional brasileira*. In: Bakhtiniana, São Paulo, v 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

PERISSÉ, G. *Literatura & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PINHEIRO, H. Teoria da literatura, crítica literária e ensino. In: PINHEIRO, H.; NÓBREGA, M. (Orgs.). *Literatura da crítica à sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2006, p. 111-126.

RAMOS, G. *Vidas Secas*. 86 ed. São Paulo: Record, 2002.

ZAPPONE, M.H. Y.; WIELEWICKI, V. H. G. Afinal, o que é literatura? In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária*. Maringá, PR:UEM, 2009.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino de literatura*. São Paulo: Contexto, 1991.